

DIAGNÓSTICO DO TEMPO PRESENTE

Contribuição à análise de conjuntura

Parte II - O domínio do trabalho

§1º *O aspecto econômico: o domínio do trabalho.* Os detalhes sobre a crise econômica de 2008 e os reflexos nos anos subsequentes sobre o sistema capitalista mundial, muito provavelmente, deverão ser abordados com muito mais detalhes nas demais teses apresentadas neste Congresso. Sabe-se que a esquerda, de modo geral, encontra-se ainda presa exclusivamente ao paradigma produtivista e a questão econômica costuma ser o centro de todo debate sobre análise de conjuntura. De modo que contraproducente seria a repetição das mesmas informações. Basta-nos, para o presente propósito, afirmar: o capitalismo encontra-se em crise; se assim preferirem, crise estrutural, posto que necessária, enquanto modo de produção econômico, cuja dinâmica caracteriza-se essencialmente por crises cíclicas.

§2º *A simbiose entre capital e trabalho.* Entretanto, indaga-se: para aonde aponta a crise do sistema capitalista mundial? Aqui, acolhemos a tese de Friedrich Pollock, segundo a qual o sistema capitalista, ao contrário de apresentar a tendência inexorável ao colapso, tal como preconizava o materialismo histórico ortodoxo, a partir do paradigma produtivista, pode, ao longo do desenvolvimento, ainda que suscetível às crises cíclicas, encontrar formas de equilíbrio, de modo a repor seus pressupostos de existência.

§3º *Apontamentos sobre o mundo do trabalho.* De tudo o que poderia ser dito sobre o tema, merecem ser destacados os seguintes apontamentos: a) o modo de produção capitalista consiste em uma má-infinitude, posto que, para repor seus pressupostos de existência, necessita reduzir o ser humano à condição de suporte do capital, bem como a produzir a destruição do meio ambiente até, no limite, a produzir a própria autodestruição da civilização humana; b) o sistema capitalista mundial não padece de crise de escassez, mas de superprodução, de modo que encontra-se, em potencial, a perspectiva de redistribuição das riquezas, obstruída, todavia, pela concentração da propriedade dos meios de produção sob controle de conglomerados econômicos transnacionais, que ultrapassam os limites dos Estados-Nação; c) houve, sobretudo, ao longo das últimas cinco décadas (1970-2010), um profundo processo de reestruturação produtiva, de modo que a própria classe trabalhadora desfigura-se em relação à forma com a qual apresentava-se, e.g., no período do capitalismo industrial, pautada, agora, sobretudo, pela produção fundada na informação e no desenvolvimento tecnológico; d) a relação entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos dá-se na forma de superexploração dos trabalhadores subdesenvolvidos em favor dos conglomerados econômicos transnacionais; e) o neoliberalismo, com a crise do Estado de bem-estar social, surge, a partir da década de 1970, como novo paradigma de desenvolvimento, com a finalidade de criar as condições, ao sistema capitalista mundial, de repor seus pressupostos de existência, perpetuando sua má-infinitude; f) a questão ecológica, i.e., da possibilidade de destruição do meio natural, com potencial de autodestruição da própria civilização humana, tornou-se indissociável da perspectiva de superação do modo de produção capitalista pela alternativa socialista.

§4º *A crítica ao paradigma produtivista.* De tudo isso, o que, para nós, precisa restar claro, aqui, é que o paradigma produtivista, i.e., a concepção totalizante de que todas possibilidades concretas de ação política reduzem-se ao domínio do trabalho (e.g. Lukács, que, ainda que com o devido reconhecimento de que se trata de uma das melhores contribuições do materialismo histórico, procurara, em sua ontologia do ser social, construir um sistema totalizante única e exclusivamente a partir da categoria “trabalho”), é flagrantemente insuficiente para fornecer as orientações necessárias à ação política, bem como demasiado restrito aos anseios emancipatórios da modernidade. Trata-se de um, dentre outros fatores, que fundamenta a realidade social.

§5º *A tríade hegeliana: trabalho, linguagem e desejo.* Segundo a tríade hegeliana, a realidade social estruturar-se-ia a partir de três domínios distintos e interrelacionados: o trabalho, a linguagem e o desejo. O domínio do trabalho é, necessariamente, interrelacionado aos domínios da linguagem e do desejo. Não ingressaremos, aqui, na famigerada querela acerca da centralidade do trabalho, que ganhou destaque há alguns anos, no universo acadêmico, visto que ultrapassa os limites do presente debate. Basta, no entanto, considerar que o sistema capitalista mundial tem-se servido de intervenções, além do domínio do trabalho, nos demais domínios – o da linguagem e o do desejo – para perpetuar-se em sua má-infinitude. Sem tal compreensão, as análises meramente baseadas sob o paradigma produtivista tornam-se míopes tanto à identificação de obstáculos, quanto de potencialidades, tendo em vista ações políticas emancipatórias.

§6º *O marxismo vulgar e a crença na inexorabilidade do colapso.* Desse modo, se, de fato, no domínio do trabalho, encontra-se, como bloqueio, a capacidade do sistema capitalista mundial, de promover formas de equilíbrios, nos períodos de crises, ainda que seja às custas de milhares de vidas e da própria sustentabilidade do meio natural, não se deve concluir pela inexorabilidade do colapso, tal como crê o “marxismo vulgar”. É inaceitável que a esquerda ou, se assim for mais adequado, o campo progressista como um todo, reste inerte, em “stand by” por algum colapso, no aguardo de alguma “janela histórica” que supostamente possa concentrar todas as contradições do sistema econômico, contando com a adesão espontânea das massas aos ditames da vanguarda, organizada pelo Partido revolucionário. Nem o sistema econômico, nem as massas, nem o Partido, permanecem o mesmo, ao menos, desde a época de “O Estado e a Revolução” (Lenin).

§7º *Conclusão da Parte II.* Isso posto, sem o complemento necessário das análises dos domínios da linguagem e do desejo, as análises de conjuntura deverão continuar a serem contraproducentes em relação ao seu propósito maior, que consiste na identificação de obstáculos e de potencialidades, tendo em vista a realização de ações políticas emancipatórias.

**MARCELO PENNA KAGAYA
TJAA - TRT 2ª REGIÃO**